UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
JORNALISMO

LUCAS SILVA DIAS

BOLSONARO X BOLSONARO: A IMPRECISÃO COMO MÉTODO DISCURSIVO

RIBEIRÃO PRETO
2021

LUCAS SILVA DIAS

BOLSONARO X BOLSONARO: A IMPRECISÃO COMO MÉTODO DISCURSIVO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Ribeirão Preto como requisito para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Pós-doutor João Flávio de Almeida

RIBEIRÃO PRETO
2021

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

Dias, Lucas Silva, 1995-
D541b Bolsonaro x Bolsonaro a imprecisão como método discursivo /
Lucas Silva Dias. — Ribeirão Preto, 2021.
54 f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. João Flávio de Almeida.

Monografia (graduação) - Universidade de Ribeirão Preto,
UNAERP, Jornalismo. Ribeirão Preto, 2021.

1. Jair Bolsonaro. 2. Velocidade da informação. 3. Imprecisão.
4. Análise de discurso. I. Título.

CDD 070

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me sustentado até aqui. Agradeço aos meus pais, por todo suporte, amor, dedicação, esforço, sacrifício e ensinamentos. Eu, literalmente, não estaria aqui se não fosse por vocês. Obrigado, Débora e João.

Agradeço a família Batista-Bertino por todo apoio, suporte e carinho, eu também não conseguiria finalizar esta etapa da minha vida sem vocês. Agradeço a Helena, minha namorada, pelo companheirismo e paciência e a sua família, que tanto cuidaram e cuidam de mim. Obrigado.

Agradeço, por fim, ao meu orientador João Flávio, por não ter desistido de mim, ao professor Gil Santiago por ter sido farol na tempestuosa faculdade.

A todos os professores e colaboradores do curso, meus agradecimentos.

Faço duas menções honrosas: à professora Tânia Cosci, e à temível semiótica, através da qual, ela despertou em mim o desejo de ser professor. E ao professor Rafael Reis, pela amizade e ombro amigo nos momentos em que, não somente eu, mas meus colegas de turma necessitamos.

Obrigado.

RESUMO

A eleição do Presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018, criou uma grande polarização política, e, até mesmo cultural, no país. Com a pandemia do novo coronavírus, as atitudes do governo Bolsonaro ficaram ainda mais em evidência no dia a dia do cidadão brasileiro. As constantes falas do Presidente em relação a doença e a temas polêmicos ganharam cada vez mais os holofotes da grande mídia nacional e mundial. Duas dessas falas alcançaram maior notoriedade por suas evidentes contradições. A primeira quando Jair Bolsonaro chama a doença covid-19 de gripezinha e a segunda quando, meses depois, ele diz que jamais chamou assim a doença que assolou o mundo e que não existe vídeo ou áudio dele se referindo desta forma à doença. A pesquisa então buscou compreender porque o Presidente emite tantas declarações contraditórias e se ele se beneficia de suas próprias contrariedades e do barulho que suas falas e atitudes provocam ao ressoar pelo país. Através de uma série de frases enumeradas cronologicamente, dos mais de 30 anos de vida política de Bolsonaro, a pesquisa objetivou responder o motivo de tantas contradições e necessidade de atenção da mídia e se há benefício para ele e seu governo, através de suas próprias polêmicas. Trabalhando com o campo da Análise de Discurso de linha Francesa (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 2007), analisando vídeos, notícias e através de pesquisa bibliográfica, foi possível perceber, ao examinar suas continuas falas discordantes à luz da Análise de Discurso, como Bolsonaro se utiliza do próprio barulho para penetrar suas ideias, seu discurso, por todo o país, e faz disto um método para manter sua posição política, assim como o fez para alcança-la. Através da imprecisão criada pelas falas destoantes do Presidente, ele consegue estar em constante foco na mídia, atraindo para si a atenção que poderia estar focada no trabalho de seu governo e equipe, utilizando deste meio para afastar possíveis questões relacionadas ao seu trabalho como Presidente e se beneficiando do barulho causado por ele próprio para estar em constante evidência.

Palavras-chave: Jair Bolsonaro. Velocidade da Informação. Imprecisão. Análise de Discurso.

ABSTRACT

The election of President Jair Messias Bolsonaro in 2018 created a great political and even cultural polarization in the country. With the new coronavirus pandemic, the Bolsonaro government's attitudes became even more evident in the daily lives of Brazilian citizens. The President's constant speeches in relation to the disease and controversial issues have increasingly gained the spotlight of national and world media. Two of these lines achieved greater notoriety for their obvious contradictions. The first when Jair Bolsonaro calls the covid-19 illness the flu, and the second when, months later, he says that he never called the disease that devastated the world that way and that there is no video or audio of him referring to the disease in this way. The survey then sought to understand why the President issues so many contradictory statements and whether he benefits from his own annoyances and the noise his speeches and attitudes cause to resonate across the country. Through a series of sentences listed chronologically, from the more than 30 years of Bolsonaro's political life, the research aimed to answer the reason for so many contradictions and the need for media attention and if there is any benefit for him and his government, through its own controversies. Working with the field of Discourse Analysis of the French line (PÊCHEUX, 1969; ORLANDI, 2007), analyzing videos, news and through bibliographical research, it was possible to notice, when examining his continuous disagreeing speeches in the light of Discourse Analysis, as Bolsonaro it uses its own noise to penetrate its ideas, its discourse, throughout the country, and it makes it a method to maintain its political position, just as it did to achieve it. Through the inaccuracy created by the President's jarring speeches, he manages to be in constant focus in the media, attracting for himself the attention that could be focused on the work of his government and team, using this means to rule out possible issues related to his work as President and benefiting from the noise caused by himself to be in constant evidence.

Keywords: Jair Bolsonaro. Speed of Information. Inaccuracy. Discourse Analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Bolsonaro exibe uma edição Folha de S. Paulo 30
Figura 2 - Presidente Bolsonaro exalta Cloroquina para apoiadores 32
Figura 3 - Bolsonaro tem dificuldade para colocar máscara 35
Figura 4 - Presidente Bolsonaro ao lado de mascote símbolo de vacinas 37
Figura 5 – Bolsonaro enfrenta dificuldade para pôr máscara.....38
Figura 6 - Isolado por contaminação, Jair “oferece” cloroquina à ema.....39

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 6
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 9
1.1 ANÁLISE DE DISCURSO 9
1.2 DISCURSO, O ANALISTA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO 10
1.3 RELAÇÕES DE FORÇA, FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLOGIA 14
1.4 O DISPOSITIVO DA INTERPRETAÇÃO E O *CORPUS* 18
2. A CRONOLOGIA, O INTRADISCURSO E O DISCURSO DE BOLSONARO 21
2.1 AS FRASES-BASE DO *CORPUS* 21
2.2 AS 92 FALAS DO PRESIDENTE 22
3. ANÁLISE DO DISCURSO BOLSONARISTA 40
3.1 “NÃO FUI EU” 40
3.2 AS IMAGENS DE BOLSONARO 43
3.3 A MANUTENÇÃO E O EXCESSO 44
3.4 BOLSONARO BENEFICIADO 46
CONSIDERAÇÕES FINAIS 50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 52

INTRODUÇÃO

A internet surgiu como a grande revolução do século XXI. Assim como o domínio do fogo nos primórdios, a internet galgou seu lugar no pódio das necessidades imprescindíveis à vida humana contemporânea. Com o passar dos anos e a difusão da rede mundial de computadores para todo o planeta, a comunicação também passou por uma revolução. Para o jornalismo, campo de trabalho que faz uso primordialmente da comunicação e da informação (PENA, 2006), a internet trouxe avanços inimagináveis. O que antes era anunciado dias, semanas ou até meses após acontecido, hoje pode ser entregue ao público em tempo real e de várias perspectivas diferentes. Possivelmente, o jornalismo passou de ter um trabalho em que se debruça sobre o acontecido, investiga, aprofunda e descobre, para um processo que apenas noticia, mostra, entrega, mas de forma cada vez mais instantânea e muitas vezes, superficial, embora essa última seja um aspecto a ser combatido no meio jornalístico.

Se um dos principais conceitos do jornalismo é a entrega da informação correta, verdadeira e verificada, outro aspecto que está cada vez mais presente na profissão é o do imediatismo. A internet possibilitou que uma infinidade de veículos, canais, sites, páginas em redes sociais, fossem criadas e nesses canais de comunicação a oportunidade de se noticiar tudo, e qualquer coisa, dá o poder, ou a impressão de poder, de que se pode contar o que está acontecendo agora, em qualquer lugar, para qualquer lugar sem consequências. Essa **onipresença** quase instantânea da informação, apesar de ser vista frequentemente com bons olhos pelo mercado jornalístico, pode conter efeitos colaterais.

O objetivo desta pesquisa é justamente dissertar especificamente sobre um dos efeitos adversos que a velocidade da informação pode exercer sobre o jornalismo, a saber, o esquecimento. Se no passado a demora e a falta de informação produziam lapsos informacionais, hoje é o excesso de informação que produz hiatos, falhas, apagamentos discursivos.

E para analisar esses possíveis efeitos de esquecimento em relação à velocidade da informação, a pesquisa se valerá de recortes de falas e imagens do Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, tendo como foco principal o período entre os anos de 2020 e 2021, durante a Pandemia de COVID-19, principalmente dois

momentos: 1) o pronunciamento no qual o presidente diz que a COVID-19 era apenas uma **gripezinha**, e 2) quando ele afirma que **nunca disse que era uma gripezinha**.

Partindo do pressuposto de que tais enunciados foram emitidos em meio a um turbilhão de informações - no âmago de um funcionamento discursivo de excesso acelerado de informações -, o problema levantado pela presente pesquisa foi o de analisar: qual o motivo do Presidente Bolsonaro emitir tantas declarações contraditórias e imprecisas e se há benefício para ele e seu governo advindo dessa imprecisão que pode resultar em um esquecimento discursivo produzido pela grande velocidade e quantidade de informações na contemporaneidade?

Dessa forma, a pesquisa lançou luz sobre possíveis efeitos que a velocidade da informação, através da internet e outros meios de comunicação, produz sobre uma parcela da população, quando o excesso de memória, criado pela grande quantia de informação disponibilizada ao indivíduo, causa o efeito reverso, de desmemória, desacelerando as verdadeiras mudanças que a informação pode proporcionar.

Para tanto, este trabalho fez uso do campo de estudos da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 2005). A partir de um *corpus* de análise composto por enunciados do presidente a respeito da pandemia se estabeleceu uma relação entre: 1) a imprecisão discursiva gerada pela velocidade da produção e circulação da informação na era digital, e 2) os esquecimentos discursivos que apagam e obliteram dizeres anteriores.

Como a hipótese que se testou nesta pesquisa diz respeito à imprecisão gerada pela velocidade da informação como um dos agentes causadores de esquecimentos discursivos, foi, intencionalmente, deixado de lado outras possíveis causas e explicações, como a teoria do **viés de confirmação** ou as teorias contemporâneas da **pós-verdade**.

O presente estudo se mostra pertinente à contemporaneidade para se entender mais sobre os efeitos que a internet e suas **facilidades** de entrega de conteúdo, muitas vezes denominados de informação, têm sobre o indivíduo e também sobre a sociedade como um todo.

O conceito de esquecimento por saturação foi cunhado por Régine Robin (1939), e aqui diz respeito sobre um efeito de esquecimento, ou apagamento, que advém da enorme quantia de informação que é despejada sobre o indivíduo. O que faz com que ele, por não conseguir processar toda a grande massa de informação, acabe **se esquecendo** de parte das informações que já receberá.

A partir das falas do Presidente, a pesquisa buscou, segundo Análise de Discurso, explanar acerca da resposta sobre como Bolsonaro se utiliza da vasta quantia de informação, muitas vezes por ele mesmo criada, e da velocidade de sua disseminação, para se beneficiar do esquecimento que surge da imprecisão de suas próprias falas contraditórias, produzido pela saturação (excesso) de informação que chega até o indivíduo. Para tanto, usufruiu, além dos conteúdos de Análise de Discurso, de pesquisas bibliográficas em livros, artigos, além de reportagens e vídeos.

A pesquisa se dividiu em três capítulos, o primeira entrega a conceituação da Análise de Discurso. O segundo apresenta uma série cronológica de falas e imagens emblemáticas do Presidente, que se transformaram em pura informação se espalhando rapidamente, além de prints noticiosos que repercutiram algumas falas do Chefe do Executivo. E em seu terceiro capítulo, há a análise propriamente dita que visou responder à pergunta já citada de como Bolsonaro faz uso da grande quantia e velocidade de informação, através da teoria da memória saturada e ao término as considerações finais propostas pela pesquisa.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Para a elaboração deste trabalho foi utilizado a Análise de Discurso de origem francesa, que se estabeleceu como uma forma mais concreta com a publicação do livro Análise Automática do Discurso, por Michel Pêcheux, no ano de 1969. Pêcheux foi um filósofo francês, conhecido como o maior expoente do grupo de estudiosos que deu origem à Análise de Discurso. Além dele, Michel Foucault, Paul Henry, Michel Plon e Eni Orlandi são nomes importantes para o campo de Análise de Discurso. Pêcheux, baseando-se nos estudos de Canguilhem e Althusser, elaborou mais profundamente o que propriamente hoje é conhecida como Análise de Discurso.

A razão pela qual os estudiosos vieram a criar a Análise de Discurso, foi a de que há muitas maneiras de se estudar a linguagem. Partindo desse pressuposto, começaram então a se interessar por uma forma mais particular de estudo. Como diz Orlandi (2005), a Análise de Discurso visa compreender como funciona o discurso e sua produção de sentidos, pois entende a linguagem como uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. A linguagem, então, começa a ser estudada como prática. Aliás, etimologicamente, a própria palavra **discurso** tem a ideia de percurso, de movimento, sendo assim, o discurso é a palavra em movimento, ou seja, o homem falando. (ORLANDI, ibid). O objeto de estudo deixa de ser a frase, como antes em outros campos de estudo, para ser o discurso como um todo e seu contexto por completo.

A Análise de Discurso faz uso de três campos do conhecimento, a Psicanálise, trabalhando alterando a noção de homem para sujeito, que para a AD cria uma relação direta com o simbólico, na história; a Linguística, que procura demonstrar que a relação entre linguagem, pensamento e mundo acontece constantemente e simultaneamente, e não um de cada vez; e o Marxismo (ORLANDI, ibid). Orlandi (ibid) descreve que a Análise de Discurso, dentro da Linguística, busca pela historicidade que ela abandona e questiona as Ciências Sociais, que não levam em consideração a Linguagem em seu Materialismo. Com esses campos de estudos atuando juntos, há uma ruptura na forma de produção de conhecimento para o século XIX, criando um novo recorte de disciplinas, um novo objeto de estudo, denominado discurso.

Por entender a linguagem como algo necessário entre o homem e a realidade natural, como falado anteriormente, há a possibilidade tanto de permanência, como de transformação do homem e da realidade em que vive através da própria linguagem. A língua passa a ser entendida não mais como um sistema abstrato de sinais, mas como um agente transformador da realidade pela forma como a língua pode produzir sentidos que podem intervir no real.

Ao passar de um sistema fechado para um objeto sócio-histórico, realizando uma reflexão sobre como a língua se materializa dentro da ideologia e como a ideologia se manifesta na língua, há a criação da relação língua-discurso-ideologia. Essa relação foi proposta por Pêcheux em 1975, e diz respeito a como o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia. É exatamente no discurso onde se observa essa relação de língua e ideologia criando sentidos para e por sujeitos.

> A análise de conteúdo [...] procura extrair sentidos dos textos, respondendo à questão: o que este texto quer dizer? Diferentemente [...] A análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. A questão que ela coloca é: como este texto significa? (ORLANDI, ibid, p. 17)

Diferentemente da análise de conteúdo, na AD[1] o texto deixa de exemplificar algo que já se sabe, para se tornar algo que significa por ele próprio, produzindo um conhecimento advindo do próprio texto, pois enxerga-o como tendo uma materialidade simbólica própria. (ORLANDI, ibid).

1.2 DISCURSO, O ANALISTA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

O conceito de discurso quebra os vínculos com o sistema mais conhecido e tradicional de comunicação, onde existe o emissor que envia uma mensagem ao receptor, este por sua vez, recebe o código enviado, a mensagem, a decodifica e consegue entender o referente ao qual o emissor quis referenciar.

No discurso a sequência de acontecimentos deixa de existir, pois o processo de significação acontece de forma simultânea entre as partes relacionadas. É posta de lado também a ideia de mensagem para se pensar propriamente no conceito de discurso. A simples ideia de passagem de informação não está presente, em seu lugar acontece um processo mais complexo de construção de sujeitos simbólicos, dentro

[1] Análise de Discurso

de um discurso, e também de produções de sentidos. O discurso é definido, por Orlandi (ibid), como efeito de sentido entre locutores, onde a linguagem serve tanto para comunicar como para não comunicar, onde as áreas de conhecimento trabalham de forma simultânea, como a autora descreve na citação a seguir.

> A proposta intelectual em que se situa a Análise de Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise de Discurso se constitui no espaço em que a Linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história (ORLANDI, ibid, p. 25).

O analista de discurso visa compreender, através da análise do discurso, como os objetos simbólicos (música, enunciado, pintura etc.) produzem sentidos, analisando a relação entre a linguagem, o mundo e o pensamento.

Um enunciado em língua portuguesa, por exemplo, basta conhecer o idioma para que seja algo inteligível, de fácil entendimento. Entretanto, um enunciado por si só não é interpretável, pois para se interpretar existe a necessidade de conhecer o contexto do enunciado.

Já o conceito de compreensão é o que visa ir mais a fundo. Para a Análise de Discurso, a compreensão é saber como um objeto simbólico produz sentidos (ORLANDI, ibid). “Quando se interpreta já se está preso em um sentido. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto.” (ORLANDI, ibid, p. 26). É a compreensão, da AD, que busca ir além da interpretação que se prende a um sentido, buscando enxergar outros sentidos que estão presentes no enunciado – objeto simbólico –, e compreender também como eles são constituídos.

Em resumo, como define a autora (ORLANDI, ibid), a Análise de Discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para sujeitos e por sujeitos. Isso implica em explicitar como o texto organiza a relação entre sujeito e sentido, produzindo uma nova prática de leitura.

Vale ressaltar aqui que o discurso pode ser algo mais do que um texto em si. Uma imagem, um vídeo, uma pintura, tudo isso pode ser entendido como discurso. É através da materialidade (o texto, a pintura, a música, a imagem), que o discurso constitui os sujeitos e os sentidos, a forma como a ideologia se manifesta no discurso, sendo assim chamada de materialidade discursiva.

É de responsabilidade do analista a criação de uma pergunta que desencadeie a análise, um problema que ele virá a solucionar analisando o discurso que é seu objeto teórico. A mobilização de conceitos advindos da AD, dará ao analista formas de responder às suas perguntas e também outras, criando em cada análise, diferentes recortes conceituais, mesmo que se utilize de um mesmo objeto teórico.

Aqui também cabe salientar a distinção entre dispositivo teórico e o dispositivo analítico. O dispositivo teórico engloba o analítico, porém, o dispositivo analítico já é a individualização do dispositivo teórico, realizada pelo analista ao formular sua questão e sua análise. Como cabe ao analista a formulação da pergunta, o uso de um procedimento em detrimento a outro, a preferência por um conceito ao invés de outro, é o seu trabalho que dará forma ao seu dispositivo analítico, enquanto o dispositivo teórico se mantém inalterado, alienado ao analítico, e poderá ser usado outras vezes, pelo mesmo analista, com outra questão levantada, ou por outro.

> Feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados vão estar disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares dos quais se inscreve e de que partiu. Nesse momento é crucial a maneira como ele construiu seu dispositivo analítico, pois depende muito dele o alcance de suas conclusões (ORLANDI, ibid, p. 28).

Após o procedimento citado acima, a linguagem deixa de possuir uma ilusão de transparência, já que a análise mostra que há mais dentro dela – linguagem – do que possa parecer, que são os sentidos criados pelo objeto simbólico.

> A análise de Discurso faz um outro recorte teórico relacionando língua e discurso. Em seu quadro teórico, nem o discurso é visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos (ORLANDI, ibid, p. 22).

Dessa forma o analista retorna à sua questão, que está presente no início de sua análise como matéria prima que desencadeia toda a construção do dispositivo analítico, ao final para dar a forma de como o analista irá referenciar seus resultados, precisando conter em sua referência os elementos como a natureza dos materiais analisados, a questão colocada, as diferentes teorias dos diferentes campos disciplinares; elementos estes que constituem o dispositivo analítico criado pelo analista. (ORLANDI, ibid).

A autora (ibid), fala que se pode considerar as condições de produção de sentido como aquilo que compreende fundamentalmente os sujeitos e a situação. Pode ser abordada como o sentido imediato, que seria as circunstâncias em que o enunciado é produzido e o sentido amplo, que inclui o contexto sócio-histórico e ideológico. A memória também faz parte das condições de produção, quando pensada em relação ao discursivo é denominada de interdiscurso, que seria algo que se fala antes, em outro lugar, sem relação direta com o agora.

Pode-se exemplificar da seguinte maneira as condições de sentido: uma mulher, na posição de mãe, falando para seu filho, em uma noite de sexta-feira, às 22h, “não chegue muito tarde em casa”. Essa fala se torna discurso a partir da ideia de **posição do sujeito**, que veremos mais a frente e da condição de produção de sentido que é toda a parte externa, a saber, a situação mãe e filho, o horário, a saída do filho da casa e todo o contexto que envolve esse momento. Se a mesma mulher, ainda mãe, falar para um colega de trabalho, na empresa, a mesma frase, “não chegue muito tarde em casa”, as condições de produção de sentido – além da posição – serão outras, tendo assim outro discurso, não mais o discurso mãe/filho.

A memória discursiva é o que torna possível todo dizer e também disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma determinada situação discursiva (ORLANDI, ibid). Por exemplo, no caso do atual trabalho, tudo o que o Presidente Bolsonaro disse em dado momento sobre a pandemia, é retomado, pela memória discursiva, e possui efeitos em suas falas contraditórias. “Todos esses sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo muito distantes, têm um efeito.” (ORLANDI, ibid, p. 31).

> Disso se deduz que há uma relação entre o já-dito e o que se está dizendo que é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscurso ou, em outras palavras, entre a constituição do sentido e sua formulação. Courtine (1984) explicita essa diferença considerando a constituição – o que estamos chamando de interdiscurso – representada como um eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos – e esquecidos – e em uma estratificação de enunciados que, em seu conjunto, representa o dizível. E teríamos o eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas (ORLANDI, ibid, p. 32-33).

A citação acima representa de forma mais direta que o dizer só é possível porque a memória constitui a atualidade. Todo dizer se encontra na junção desses dois eixos citados por Orlandi, pois só é possível dizer algo se este algo estiver na

perspectiva do que é dizível. Há uma conjunção entre a formulação, que é o que se está dizendo, e a constituição, que é a memória, dessa junção cria-se então os sentidos.

Para que haja o discurso é necessário que haja memória, juntamente com ela, para Análise de Discurso, existem dois tipos de esquecimentos que constroem o discurso, segundo Pêcheux (2008), citado por Orlandi (2005): o esquecimento número um, que tem relação direta com a ideologia e advém do modo pelo qual o indivíduo é afetado por ela, onde os sentidos são determinados pela forma como a língua existe na história e não pela vontade do indivíduo que recebe o discurso; e o número dois, que produz no indivíduo uma falsa sensação de realidade do pensamento, como se aquela fosse a primeira vez que aquele discurso fosse realizado, quando na verdade ele já foi feito em outro momento da história, porém, por conta do esquecimento, o indivíduo tem a ilusão de pensamento autoral.

No atual trabalho, o foco em memória é de grande valia para que se possa compreender os efeitos do esquecimento advindos, possivelmente, que é a tese que esta pesquisa defende, da grande velocidade da informação. O interdiscurso, a memória, como já citado, mas de forma definida por Orlandi, “é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (Ibid, p. 33).

O efeito do interdiscurso é o de que algo, para fazer sentido, tenha que já ter sido dito, em outro momento, por outro sujeito, e foi apagado da memória, para que as novas palavras façam sentido. No caso desta pesquisa, o efeito do interdiscurso é eficaz na parcela da população que recebe as contradições do Presidente, não como algo contraditório, mas sim como algo novo, inédito.

1.3 RELAÇÕES DE FORÇA, FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLOGIA

Um discurso sempre vai apontar para outros discursos. Esta é a denominada relação de sentidos. Nela, como explica Orlandi (ibid), não há discurso que não se relacione com outros (ORLANDI, ibid). Um discurso, aponta para outros que o sustentam e também para futuros discursos. O processo de visão de um discurso é mais amplo e contínuo, não definido em um fim absoluto.

Há ainda outro mecanismo, chamado de antecipação, neste o sujeito tem a possibilidade de se colocar no lugar de seu interlocutor e antever os sentidos que suas

palavras produzirão em quem as ouvir. Este mecanismo é o principal método para a regulamentação dos argumentos de um discurso.

Enfim, o processo de relação de forças, que também será muito importante para o prosseguimento desta pesquisa. Este mecanismo parte do pressuposto de que o lugar de onde se fala, de onde se produz discurso, altera o sentido que este discurso terá em seu público alvo. De uma maneira mais simples, como sugere a autora “se o sujeito fala a partir do lugar de professor, suas palavras significam de modo diferente do que se falasse do lugar do aluno”. (ORLANDI, ibid, p. 39).

Este processo, para esta pesquisa, contribuiu com o fator de que as falas de Jair Bolsonaro, por mais contraditórias e contra producentes que sejam – principalmente ao se falar sobre ciência e medicamentação sem comprovação cientifica – passam a ser recebidas com um sentido diferente por conta de que o sujeito que produz o discurso fala da posição de Presidente da República Federativa do Brasil.

O intuito específico deste trabalho é o de interligar a velocidade da informação com a incapacidade de assimilação com pensamento crítico do indivíduo. Assim visando responder qual o motivo do Presidente Bolsonaro emitir tantas declarações que, por conta da grande velocidade da informação, acabam por se tornar imprecisas gerando o efeito de esquecimento, à luz da análise de Discurso, trabalhando com a teoria de memória saturada, proposta por Robin (1939), sob os olhos da formação discursiva, que pode explicar as diferentes consequências de uma fala vinda de um cidadão comum e de quando se trata do Presidente de uma nação.

É importante salientar que não são os indivíduos físicos (professor/homem) ou seus lugares na sociedade em si, que dão mais ou menos valor a suas falas, mas sim, o que a AD chama de formações imaginárias. Isto é, como suas imagens representam resultados de uma projeção que permite passar de uma situação empíricas – os lugares dos sujeitos – para uma posição de sujeito no discurso, assim tendo a distinção entre lugar e posição. Posição diz respeito ao discurso e lugar são ocupados pelo sujeito físico na sociedade e podem ser descritos sociologicamente. (ORLANDI, ibid)

Nestes casos, essas posições são aquilo que significa no discurso. E a posição leva em consideração a relação com o contexto sócio-histórico e com a memória, que é o saber discursivo, aquilo que já foi dito em outro momento.

Com isso pode-se dizer que o sentido não é definido em si, “mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. (ORLANDI, ibid, p. 42). As palavras não tem significado nelas mesmas, pelo contrário, mudam o sentido de acordo com aqueles que a usam. Elas recebem seus sentidos diretamente da posição-sujeito de quem emprega o discurso. O Presidente do Brasil se contradizendo é diferente, por exemplo, de uma pessoa em situação de rua que se contradiz. Embora possam usar as mesmas palavras, o discurso, por conta da posição-sujeito, é outro.

Uma formação discursiva, já citada acima, por sua vez, se dá a partir de uma posição específica – a de Presidente da Nação – e um contexto sócio-histórico específico – o momento politicamente polarizado atual e a pandemia mundial. A formação discursiva é o que determina o que pode e deve ser dito dentro do limite e daquilo que condiz com as possibilidades de sentidos do discurso do sujeito.

> O discurso se constitui em seu sentido porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Dessa forma, os sentidos sempre são determinados ideologicamente (ORLANDI, ibid, p. 43).

O conceito de metáfora também é importante na Análise de Discurso. Metáfora, “é aqui definida como a tomada de uma palavra por outra. Na análise de discurso, ela significa basicamente ‘transferência’”. (ORLANDI, ibid, p. 44). Para Pêcheux (2008), o sentido sempre existe através de uma palavra por outra, e é por essa relação que os elementos significantes passam a se confrontar de modo que passam a ter um sentido. Para o autor, não há sentido sem metáfora. (PÊCHEUX, 2008, apud ORLANDI, ibid)

Também é através da formação discursiva que se pode compreender, dentro do funcionamento discursivo, a variação de sentidos. Uma vez que palavras podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes, palavras iguais têm significados diferentes, dependendo de seu contexto e até mesmo de sua grafia. É trabalho do analista observar as condições de produção das palavras para entender que um dizer se inscreve em uma formação discursiva e não em outra, compreendendo o sentido do que ali está sendo dito.

Outro ponto a se destacar na Análise de Discurso é o de que a ideia de ideologia é ressignificada a partir da consideração da linguagem, onde ideologia passa a ter uma definição discursiva.

> Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Neste movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação. [...] Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência (ORLANDI, ibid, p. 45-46).

A ideologia ainda cria um efeito de sentido ao ser usada pelo sujeito, de forma inconsciente, para realizar a interpretação respondendo à pergunta **o que isto quer dizer?**. Tal efeito faz com que o homem interprete qualquer objeto simbólico que é lhe dado, e, ao buscar esta resposta, a ideologia faz parecer que o sentido sempre esteve lá, quando na verdade ele foi criado pela ideologia do sujeito.

A ideologia é, então, condição necessária para a construção tanto do sujeito quanto dos sentidos. É através da ideologia que o indivíduo é interpelado e possa então produzir o dizer. “A ideologia [...] é relação necessária entre linguagem e mundo.” (ORLANDI, ibid, p.47). Esta citação diz respeito à relação entre o mundo e o simbólico, que se faz quando a língua, como um sistema passível de erros, equívocos e falhas, se inscreve na história. Essa relação entre o efeito linguístico material e a história é chamada de discursividade.

> O trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento pois é só quando passa para o anonimato que o dizer produz seu efeito de literalidade, a impressão do sentido-lá: é justamente quando esquecemos quem disse “colonização”, quando onde e porquê, que o sentido de colonização produz seus efeitos (ORLANDI, ibid, p. 49).

Quando a memória passa para esquecimento é que a produção de sentido pode passar a significar aquilo que quem produz o discurso quer que ele signifique, como se fosse ele, o indivíduo que produz o discurso, o dono do sentido. É como se toda a memória fosse deixada de lado, esquecida, e o dizer torna o discurso algo que ele já era, mas que não lembram que foi. Quando a memória é trabalhada pelo esquecimento, há a ilusão de que o sentido ali significa de acordo com a sua vontade imediata. (ORLANDI, ibid). Não há controle sobre essa produção de sentidos, eles

não se esgotam de forma imediata, pelo contrário, há diferentes efeitos para diferentes interlocutores.

Já a interpretação é garantida pela memória em duas formas: a memória institucionalizada e a memória constitutiva. A institucionalizada é o trabalho social da interpretação, onde se coloca quem tem e quem não tem direito a interpretar (ORLANDI, ibid). Já a memória constitutiva é o interdiscurso, o trabalho histórico da construção do sentido. Deixando claro que a interpretação não é simples obra do caso, livre de pré-conceitos, mas sim regida pela relação entre as duas memórias, que podem tanto estabilizar um sentido de intepretação, quanto deslocar, transformar o sentido através da interpretação advinda da ideologia do sujeito. Dessa forma a criação de sentidos do sujeito se dá de maneira inconsciente, regida por uma ideologia que ele não sabe que tem, mesmo que ele ache que são criações próprias, na realidade é apenas uma reprodução de um discurso, que sem se dar conta, advém de uma ideologia já existente. “Não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia.” (ORLANDI, ibid, p. 47).

Os sujeitos, na Análise de Discurso são intercambiáveis. Isso quer dizer que o sujeito discursivo é pensado como uma posição que o indivíduo ocupa para dizer o que diz. Como no caso da mãe que foi exemplo mais acima, ao dizer “não chegue tarde em casa hoje”, é o indivíduo mulher, ocupando, nesse momento, o sujeito mãe. A partir da posição que ela está, pela frase que ela diz, que se constitui o discurso, produzindo assim um sentido de efeito. O mesmo indivíduo poderia dizer a mesma frase a partir de outra posição, como já foi dito acima, produzindo outro efeito de sentido.

Sobre a linguagem na Análise de discurso é possível dizer, segundo a autora (ibid), que tem a condição de incompletude. Nem sujeitos e nem sentidos estão completos de forma definitiva. Eles se formam da relação de meio, da falta, do movimento, a falta também é lugar para o efeito de sentido. Os fatos só fazem sentido porque de alguma forma se inscrevem em alguma formação discursiva, se inscrevem na história.

1.4 O DISPOSITIVO DA INTERPRETAÇÃO E O *CORPUS*

A construção do dispositivo de interpretação se dá através do que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar. Essa relação de dito e não dito. Até o que o sujeito não diz faz parte da produção do dispositivo de interpretação.

A AD não procura encontrar o sentido verdadeiro, mas sim o sentido real da materialidade linguística e principalmente histórica, já que é a partir da historicidade que a língua deixa de lado, em boa parte, que se produz a análise. Orlandi (ibid) cita Pêcheux ao dizer que todo enunciado é uma série de pontos de derivação que oferecem lugar para a interpretação, para ser ou para se tornar outro, além daquele efeito que o sujeito quis produzir.

Para se iniciar uma análise de discurso é necessário considerar a constituição do que é chamado de corpus. Para essa construção não se procura extinguir o objeto de forma exaustiva, que se chama análise horizontal, buscando realiza a completude da análise seguindo critérios empíricos. Mas sim uma análise vertical, seguindo critérios teóricos, visando entender como todo discurso se relaciona com outro discurso anterior e aponta para outro discurso. (ORLANDI, ibid)

“Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes.” (ORLANDI, ibid, p. 62). Essa afirmação demonstra que a análise de forma vertical, é considerada em relação ao objeto em análise e também à sua temática. Uma análise profunda, que não trata de dados, mas sim fatos da linguagem e de sua memória. Dessa forma a construção do corpus e a análise estão propriamente ligados, pois ao decidir o que faz parte do corpus, já se está decidindo sobre as propriedades discursivas a serem abordadas na análise. Trabalhando os métodos e procedimentos, o analista vai mostrar como um discurso funciona produzindo sentidos, não de uma forma a demonstrar todos os discursos e todos os sentidos, mas sim aquele discurso e aqueles sentidos específicos dentro do corpus escolhidos, não de forma geral, mas de forma aprofundada.

A análise já começa na escolha da pergunta que desencadeará todos os procedimentos e métodos que responderam à pergunta. É também a partir da pergunta que se estabelecerá o corpus, organizando a relação entre analista, objeto, sentidos, interpretação etc.

Uma vez analisado, o objeto pertencerá a disposição para novas e novas abordagens, não se esgotando em apenas uma análise, pois de acordo com a AD, todo discurso é parte de um processo discursivo maior, a parte analisada é apenas

um recorte de um todo. Volta-se aí para a diferenciação entre dispositivo teórico e dispositivo analítico.

Esta é a forma que a presente pesquisa buscou abordar, através dos conceitos e métodos da Análise de Discurso, o seu objeto de análise, trabalhando com seu corpus, expondo seu dispositivo teórico, que ficará aberto para novas análises e construindo seu dispositivo analítico.

2. A CRONOLOGIA, O INTRADISCURSO E O DISCURSO DE BOLSONARO

2.1 AS FRASES-BASE DO *CORPUS*

Neste segundo capítulo, a pesquisa traz uma mostra de falas do Presidente Jair Bolsonaro acerca de assuntos como: a pandemia do coronavírus, o tratamento precoce sem comprovação cientifica defendido pelo Presidente, a defesa da prescrição dos remédios Azitromicina, Cloroquina e Ivermectina contra o vírus da COVID-19, o uso de máscaras visando a possibilidade de um menor número de casos da doença, a forma desdenhosa que se manifesta sobre o número de vítimas fatais da doença, a vacinação contra a COVID, a briga efusiva com o trabalho da imprensa no país, o modo preconceituoso como se refere ao Brasil e seu povo, a comemoração sobre o cancelamento de estudos científicos sobre uma vacina, entre outros assuntos que Bolsonaro tem se prontificado a tratar em diversos meios de comunicação e em diversas datas e locais diferentes.

A ideia deste capítulo é a de materializar os elementos que evidenciam o método que o Presidente Bolsonaro usa para continuar propagando mais e mais falas destoantes sobre os mais delicados assuntos, de forma que uma fala sempre busque realizar o efeito de **esquecimento** da fala passada, causado por conta da imprecisão do discurso do Presidente. O que para esta pesquisa, se baseando nos dados e falas apresentadas, através do campo da Análise de Discurso, pode ser uma forma que o Presidente se vale para não ser questionado severa e cotidianamente sobre seus discursos contraditórios.

As principais falas que compõem o *corpus* que este trabalho se baseia são, para o momento de pandemia vivido pelo mundo, duas grandes contradições evidenciadas pelo simples conhecimento da língua portuguesa. Duas ocasiões distintas, com diferença de sete meses entre elas.

A primeira se produziu no dia 20 de março de 2020. Em entrevista coletiva no Planalto, Bolsonaro afirmou: “depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, não”. Se referindo ao atentado que sofreu em setembro de 2018 e à possibilidade de contrair a doença que, até aquele momento, segundo ministérios de saúde, o The New York Times, já havia matado mais de 9.000 pessoas em todo o mundo e que um ano depois iria vir a fazer mais de 292 mil vítimas somente no Brasil.

Já no dia 26 de novembro de 2020, com mais de 170 mil mortos e o número de casos acima da casa dos 6 milhões no país, Bolsonaro, através de uma *Live* em uma rede social afirmou: “então, o pessoal da mídia, a grande mídia, falando que eu chamei de 'gripezinha' a questão da covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma”.

Estas duas contradições evidentes, claras a qualquer indivíduo que compreenda o idioma falado no Brasil, servem de base para esta pesquisa. Porém, como o objetivo deste trabalho é o de buscar responder **como** o Presidente pode se beneficiar com a velocidade e com o grande volume de informação descarregada sobre os indivíduos, também se farão presentes outras falas de diversos momentos em que Bolsonaro se mostrou pouco polido sobre assuntos das mais variadas vertentes. Imagens/fotos que marcaram momentos emblemáticos do atual mandato presidencial de Jair Messias Bolsonaro, que representam algo que se relacionado ao campo de atuação de seu governo e que muitas vezes, ao que esta pesquisa visa identificar, parece ser lançado como forma a visar o **esquecimento** de uma de suas frases polêmicas precedentes à atual também se fazem presentes no *corpus*.

No próximo subcapitulo são identificadas cronologicamente as frases do Chefe do Executivo. As falas do Presidente e fotos que se relacionam diretamente a ele, que fazem parte de *corpus* maior que este trabalho analisa para chegar às suas considerações finais, estão espalhadas nos mais de 30 anos de vida pública do hoje Presidente Bolsonaro.

2.2 AS 92 FALAS DO PRESIDENTE

(1) 23 de maio de 1999: “Eu sou favorável à tortura, tu sabe [sic] disso”. Fala de Jair Bolsonaro, então Deputado Federal pelo PPB, durante entrevista para o programa Câmera Aberta.

(2) 23 de maio de 1999: “Inclusive, xará! Conselho meu, conselho meu e eu faço: eu sonego tudo que for possível”. Novamente no programa Câmera Aberta, desta vez Jair Bolsonaro defende que haja sonegação de impostos.

(3) 23 de maio de 1999: “Não há a menor dúvida. Daria golpe no mesmo dia”. Ao ser questionado se fecharia o congresso caso viesse a se tornar Presidente do Brasil, Bolsonaro responder desta forma ao apresentador do programa Jair Marchesini.

(4) 23 de maio de 1999: “Através do voto você não vai mudar nada nesse país. Nada. Absolutamente nada! Você só vai mudar, infelizmente, quando um dia nós partimos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez: matando uns 30 mil, começando com o FHC (Fernando Henrique Cardoso, então Presidente do Brasil), não deixar ele pra fora não. Matando! Se vai morrer alguns inocentes tudo bem. Tudo quanto é guerra morre inocente”. Bolsonaro ao ser questionado sobre como ele acredita que o Brasil possa se tornar melhor, no programa de Marchesini.

(5) Junho de 1999: “A atual Constituição garante a intervenção das Forças Armadas para a manutenção da lei e da ordem. Sou a favor, sim, de uma ditadura, de um regime de exceção, desde que este Congresso dê mais um passo rumo ao abismo, que no meu entender está muito próximo”. Deputado Bolsonaro durante discurso na tribuna da Câmara.

(6) 11 de novembro de 2003: “Eu jamais ia estuprar você porque você não merece”. Durante entrevista para a Rede TV!, Bolsonaro e a então deputada Maria do Rosário entram em discussão e Jair Bolsonaro profere à mulher uma de suas frases mais conhecidas, que voltaria a ser dita por ele novamente para a mesma pessoa em 2014, na Câmara.

(7) Agosto de 2008: “O grande erro [da ditadura] foi torturar e não matar”. Bolsonaro enquanto discutia com manifestantes em frente ao Clube Militar do Rio de Janeiro. Frase esta que foi reproduzida em 08 de julho de 2016 por Jair, durante o programa Pânico, na rádio Jovem Pan.

(8) 28 de março de 2011: “Isso nem passa pela minha cabeça porque tiveram uma boa educação e um pai presente. Então eu não corro esse risco”. Ao ser questionado, durante o programa CQC (Custe o Que Custar), da TV Band, sobre o que faria caso tivesse um filho gay, Bolsonaro respondeu desta forma.

(9) 28 de março de 2011: “Eu não iria, porque eu não participo de promover [sic] os maus costumes”. Ainda no CQC, respondendo à pergunta “se você fosse convidado para um desfile gay, você iria?”. O programa CQC da Band foi palco para muitas falas polêmicas de Jair Bolsonaro que, à época, foram levadas como piadas.

(10) 28 de março de 2011: “Eu não entraria em um avião pilotado por um cotista e nem aceitaria ser operado por um médico cotista. Eu quero um médico competente e um piloto que, realmente, decole e pouse com segurança”. Ao ser perguntado, no CQC, sobre o porquê de ser contra cotas raciais.

(11) Junho de 2011: “Para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”. Bolsonaro em entrevista à Revista Playboy sobre a possibilidade de ter um filho homossexual.

(12) Junho de 2011: “Se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa! Se eles andarem de mão dada e derem beijinho, desvaloriza”. Ainda na mesma entrevista, Jair diz que um imóvel pode se desvalorizar se habitado por um casal homossexual.

(13) Junho de 2011: “O cara vem pedir dinheiro para mim para ajudar os aidéticos. A maioria é por compartilhamento de seringa ou homossexualismo. Não vou ajudar porra nenhuma! Vou ajudar o garoto que é decente”. Bolsonaro ao ser questionado, pela Playboy, sobre acreditar se a AIDS é consequência direta da homossexualidade.

(14) 05 de abril de 2017: “Fui num quilombola [sic] em Eldorado Paulista. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais”. Por conta desta declaração em uma palestra no Clube Hebraica, no Rio de Janeiro, o então presidenciável foi denunciado à Procuradoria-Geral da República por racismo e discriminação.

(15) 05 abril de 2017: “Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada, e veio uma mulher”. Durante a mesma palestra no Clube Hebraica, Bolsonaro diz que “deu uma fraquejada” e então nasceu uma filha, após já ter tido cinco filhos.

(16) 11 de janeiro de 2018: “Como eu estava solteiro na época, esse dinheiro do auxílio-moradia eu usava para comer gente”. Em entrevista para a Folha de S. Paulo, então como candidato à presidência, Bolsonaro respondeu ao ser questionado sobre o auxílio-moradia que recebia da Câmara, mesmo possuindo imóvel próprio em Brasília.

(17) 09 de março de 2020: “Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor desse vírus”. Bolsonaro ao comentar sobre economia e coronavírus, em um evento nos Estados Unidos da América. Neste momento haviam notificadas mais de 3 mil mortes e mais de 109 mil casos em todo o mundo.

(18) 10 de março de 2020: “Durante o ano que se passou, obviamente, tivemos momentos de crise. Muito do que tem ali é muito mais fantasia. A questão do coronavírus, que não é isso tudo que a grande mídia propaga”. Presidente em um discurso para pouco mais de 100 empresários em Miami. Aqui surge um dos primeiros ataques à imprensa lançados por Bolsonaro durante o período de pandemia.

(19) 15 de março de 2020: “Tivemos vírus muito mais graves que não provocaram essa histeria. Certamente tem um interesse econômico nisso. Em 2009 teve um vírus também e não chegou nem perto disso. Mas era o PT no governo aqui e os democratas nos Estados Unidos”. Bolsonaro em entrevista à CNN Brasil. O Presidente sugere que por conta de ideologias diferentes no comando dos países, a gravidade da doença foi **alterada**.

(20) 15 de março de 2020: “Você cancelar jogos de futebol contribui para o histerismo. A CBF poderia pensar em vender uma carga de ingressos de acordo com a capacidade dos estádios. Porque cancelar não vai conter o vírus. A economia não pode parar. Vai gerar desemprego”. Ainda em entrevista à CNN. Uma das primeiras vezes que o Presidente parece colocar a economia à frente da gravidade da doença.

(21) 17 de março de 2020: "Não vou viver preso dentro do Alvorada. Se eu resolvi apertar a mão do povo, é um direito meu, eu vim do povo. Tenho obrigação de saudar o povo”. Presidente Bolsonaro em conversa com o apresentador José Luiz Datena, na rádio Bandeirantes. Aqui surge os primeiros indícios sobre o descontentamento do Presidente diante da possibilidade de haver uma quarentena.

(22) 17 de março de 2020: “O que é que se dá atenção? Morreu de coronavírus. É que o coronavírus chegou por último e aquela pessoa já bastante debilitada. Agora tem que se levar em conta como um todo do que aquela pessoa faleceu. Se fosse outra gripe qualquer, poderia ter falecido

também”. O Presidente, ainda em conversa com Datena, minimiza a gravidade da doença.

(23) 17 de março de 2020: “Pelo que parece, não tenho certeza, pela última informação que eu tive, que está faltando confirmação. Agora a Itália é uma cidade... é um país parecido com o bairro de Copacabana, onde cada apartamento tem um velhinho ou um casal de velhinhos. Então são muito mais sensíveis, morre mais gente”. Bolsonaro novamente em conversa na Bandeirantes. Neste momento a Itália passava dos 2 mil mortos e da casa dos 30 mil casos.

(24) 19 de março de 2020: “É grave, é preocupante, mas não chega ao campo da histeria ou de uma comoção nacional. E é dessa forma que nós encararemos essa questão”. Bolsonaro em entrevista coletiva, junto aos Ministros, no Planalto. Nesta data o Brasil já havia notificado 6 mortes pela doença.

(25) 19 de março de 2020: “Não se surpreenda se você me ver, nos próximos dias, entrando no metrô lotado, em São Paulo, entrando numa barcaça, na travessia Rio-Niterói, em horário de pico, ou dentro de um ônibus em Belo Horizonte. Isso, longe de demagogia ou populismo”. Mais uma vez Bolsonaro demonstra não ter interesse pela ideia de realizar uma quarentena. Ainda na entrevista coletiva.

(26) 20 de março de 2020: “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, não”. O Presidente durante entrevista coletiva exibida pela TV Brasil. Aqui ele se referia ao atentado que sofreu em setembro de 2018, durante a campanha presidencial e à possibilidade de contrair a COVID-19. Esta é uma das falas primordiais para a presente pesquisa.

(27) 20 de março de 2020: “O remédio tem que ser proporcional, se não, mata. Se qualquer um tomar remédio demais, vira veneno”. Uma das primeiras frases que repercutiu com maior força na mídia. Ainda durante entrevista na TV Brasil.

(28) 21 de março de 2020: “E pode ter certeza que para 60% dos brasileiros não será nem uma gripezinha, não será nada, nem tomarão conhecimento”. Bolsonaro em entrevista à CNN Brasil.

(29) 22 de março de 2020: "Não podemos nos comparar com a Itália. Lá o número de habitantes por quilômetro quadrado é 200. Na França, 230. No

Brasil, 24. O clima é diferente. A população lá é extremamente idosa. Esse clima não pode vir pra cá porque causa certa agonia e causa um estado de preocupação enorme. Uma pessoa estressada perde imunidade". Bolsonaro em reunião com prefeitos. Neste ponto, segundo a Universidade Johns Hopkins, a Itália chega em 6820 mortes.

(30) 22 de março de 2020: "É uma crise fabricada pela imprensa. Não existe atrito, mas uma conversa entre nós. Ele [Luiz Henrique Mandetta] sabe que uma população em depressão perde imunidade e fica mais propensa a doenças". Ainda em reunião com os prefeitos. Aqui se encontra uma das primeiras declarações públicas do Presidente acerca dos possíveis desentendimentos entre ele e o então Ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta, sobre a forma de direcionar os esforços do Governo para combater o vírus.

(31) 22 de março de 2020: "Existe a possibilidade, sim, de que o Reuquinol seja eficaz para tratar os portadores da Covid-19". Nesta data, durante a reunião, Bolsonaro começava a falar sobre o tratamento precoce com medicamentos sem comprovação cientifica como a Hidroxicloroquina.

(32) 23 de março de 2020: "Brevemente o povo saberá que foi enganado por esses governadores e por grande parte da mídia na questão do coronavírus". Mais uma declaração de ataque à imprensa e a outros políticos. Presidente em entrevista à TV Record.

(33) 24 de março de 2020: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão". Aqui o Presidente reforça mais uma vez sua fala ao chamar de gripezinha a doença que assolou o mundo. Esta é uma fala ocorreu durante um pronunciamento oficial da Presidência da República em rede nacional de rádio e televisão. É importante salientar que esta fala em específico é de extremo valor para esta pesquisa e será retomada no próximo capítulo para uma análise mais aprofundada sobre a formação discursiva segundo a Análise de Discurso.

(34) 26 de março de 2020: “Poxa, eu estou bem cara, tranquilo, nunca tive problema não. Já pensou que prato feito para a imprensa se tivesse

infectado. Não estou, é minha palavra. Minha palavra vale mais que um pedaço de papel”. Bolsonaro respondeu assim a repórter ao ser questionado sobre a possibilidade de estar infectado pelo vírus.

(35) 26 de março de 2020: "Não posso afirmar porque não sou médico nem pesquisador, mas pelas informações que eu tenho, as informações é que [a hidroxicloroquina] já deu certo. Nós vamos vencer essa onda e o Brasil vai crescer". O Presidente, para a revista VEJA, volta a defender o uso de medicamento sem comprovação científica.

(36) 26 de março de 2020: "Mas acreditamos nos médicos, enfermeiros, pesquisadores, e esse Reuquinol [nome comercial da hidroxicloroquina no Brasil], se Deus quiser, vai ser confirmado como remédio para curar a covid-19. E com o remédio, vai embora essa histeria implantada pelo Brasil. Que não foi implantada pela imprensa, foi o Papai Noel, o Saci Pererê". Bolsonaro, segundo a VEJA, novamente reforçando o uso do medicamento e atacando a imprensa.

(37) 26 de março de 2020: Até porque o brasileiro tem que ser estudado. Ele não pega nada. Você vê o cara pulando em esgoto ali, sai, mergulha, tá certo? E não acontece nada com ele”. Presidente em frente ao Palácio da Alvorada. O Brasil havia notificado 77 mortes até então.

(38) 26 de março de 2020: “Aplica logo [a hidroxicloroquina], pô. Sabe quando esse remédio começou a ser produzido no Brasil? Ele começou a ser usado no Brasil quando eu nasci, em 1955. Medicado corretamente, não tem efeito colateral”. Presidente ainda em frente ao Palácio da Alvorada.

(39) 26 de março de 2020: "Mostra ali. Atenção povo do Brasil. Esse pessoal diz que eu estou errado e tem que ficar em casa. Aí eu pergunto, o que vocês estão fazendo aqui? Imprensa brasileira o que vocês estão fazendo aqui. Estão com medo do Coronavírus não? Vão pra casa. Todo mundo sem máscara”. Novo ataque contra os jornalistas enquanto dava entrevista em frente ao Alvorada.

(40) 27 de março de 2020: “Não estou acreditando nesses números [de mortes divulgadas pela Secretaria de Saúde de São Paulo]”. Em entrevista a Datena, com 92 vítimas fatais no país, Bolsonaro diz não acreditar no número de vítimas no estado de São Paulo.

(41) 27 de março de 2020: “Estamos fazendo contato direto com os prefeitos, porque é lá que o povo vive e não na fantasia de alguns governadores. Já temos um problema. Os governadores são verdadeiros exterminadores de emprego. Essa é uma crise muito pior do que o próprio coronavírus vem causando no Brasil”. Ainda em entrevista ao Datena.

(42) 30 de março de 2020: “Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei facada”. Novamente, agora na Rede TV!, o Presidente desdenha da gravidade da doença.

(43) 02 de abril de 2020: “Pedir um dia de jejum ao povo brasileiro em nome de que o Brasil fique livre desse mal o mais rápido possível”. Bolsonaro em entrevista à Rádio Jovem Pan. Bolsonaro busca se apegar ao lado religioso de seus apoiadores.

(44) 02 de abril de 2020: “Eu desconheço qualquer hospital que esteja lotado. Não é isso tudo que estão pintando”. Presidente Bolsonaro em conversa com Pastores evangélicos na portaria do Alvorada. Aqui o Brasil passa dos 300 mortos.

(45) 19 de abril de 2020: “A economia não roda dessa forma. Vai faltar dinheiro para pagar salário de servidor público e o Brasil está mergulhando num caos. Quero crer que não seja apenas uma vontade desses políticos, que não vou nominar aqui, de querer abalar a Presidência da República. Não vão me tirar daqui”. Bolsonaro a um grupo de apoiadores no Planalto, se mostra mais preocupado com seu mandato do que com a possibilidade de agravação da doença no país.

(46) 20 de abril de 2020: "Ô, cara, quem fala de... Eu não sou coveiro, tá certo?". O Presidente responde assim ao ser questionado por jornalistas em frente ao Alvorada, sobre o crescente número de vítimas fatais do vírus no Brasil.

(47) 28 de abril de 2020: "Lamento a situação que nós atravessamos com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas, mas é a vida. Amanhã vou eu. Logicamente que a gente quer, se um dia morrer, ter uma morte digna, né? E deixar uma boa história para trás". O Presidente, na Portaria do Alvorada, busca enfatizar que o vírus atinge primordialmente as pessoas mais velhas e que a morte é algo natural, da qual não há como escapar.

(48) 28 de abril de 2020: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre”. Uma das frases que ganhou grande força pelos veículos de imprensa. Nesta altura o Brasil estava com mais de 5 mil mortes por COVID-19. Bolsonaro ainda na Portaria do Alvorada.

(49) 05 de maio de 2020: “Cala a boca! Não te perguntei nada!” Bolsonaro respondeu desta forma, durante entrevista coletiva em Brasília, ao ser questionado por um repórter se pediu troca na Polícia Federal do Rio de Janeiro.

Figura 1 - Bolsonaro exibe uma edição Folha de S. Paulo

Fonte: Folhapress/Pedro Ladeira

(50) 07 de maio de 2020: “Estou cometendo um crime. Vou fazer um churrasco no sábado aqui em casa. Vamos bater um papo, quem sabe uma ‘peladinha’, alguns ministros, alguns servidores mais humildes que estão do meu lado". Presidente diz, em frente ao Alvorada, a repórteres, que vai reunir pessoas para um churrasco e um bate papo, claramente visando a ideia de normalidade.

(51) 08 de maio de 2020: “Tá todo mundo convidado aqui. 800 pessoas no churrasco. Tem mais um pessoal de Águas Lindas, serão 900 pessoas confirmadas. Tem mais um pessoal de Taguatinga. 1100. Vai estar todo mundo aqui amanhã? 1300 pessoas no churrasco”. Presidente, com informações do EXTRA. O Brasil chegava a 10 mil vidas perdidas.

(52) 19 de maio de 2020: "Quem é de direita toma cloroquina. Quem é de esquerda toma Tubaína”. Bolsonaro em entrevista ao jornalista Magno Martins. Mais uma das frases que ganharam as manchetes.

(53) 03 de junho de 2020: “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo”. Presidente em frente ao Alvorada. Novamente Bolsonaro faz pouco caso das mortes pela doença.

(54) 04 de junho de 2020: “Durante a campanha, eu fui acusado pela Folha de S. Paulo que a cada disparo de *fake news* contra o PT eu gastava R$ 12 milhões fora do Brasil”. Presidente Bolsonaro, segundo Agência Aos Fatos.

(55) 09 de junho de 2020: “Eu te arranjo amanhã se precisar conversar lá, alguém para conversar com a senhora [que teria achado a cura no alho] no Ministério da Saúde, tá ok? Pode ser? Deixa o telefone com alguém aqui". Bolsonaro diz à uma senhora que ela poderá conversar com alguém do Ministério da Saúde sobre a possibilidade de uma cura para COVID-19 encontrada por esta mulher através do alho.

(56) 10 de junho de 2020: “Se quiser falar, sai daqui, porque já foi ouvida. Cobre do seu governador. Sai daqui”. Bolsonaro tratou desta maneira uma de suas eleitoras, em frente ao Alvorada, ao ser questionado sobre a forma como ele estava lidando a situação da doença no Brasil.

(57) 07 de julho de 2020: “Eu confio na hidroxicloroquina, e você?”. Em vídeo publicado nas Redes Sociais.

Figura 2 - Presidente Bolsonaro exalta Cloroquina para apoiadores

Fonte: Captura de um vídeo publicado em 19 de julho de 2020 no Facebook oficial de Bolsonaro

(58) 09 de julho de 2020: "É um testemunho meu. [A hidroxicloroquina] Deu certo e estou muito bem. Aqueles que criticam, apresentem uma alternativa". Bolsonaro durante *live*.

(59) 09 de julho de 2020: "Tem centenas de relatos de médicos e de infectados dizendo que ela [a hidroxicloroquina] deu certo. Quem não quiser tomar, não toma, mas não fica aí querendo proibir". Ainda durante *live*, Presidente volta a defender medicação sem comprovação.

(60) 16 de julho de 2020: "Também agora está aí, estão apresentando o Annita. Não sou médico, não recomendo nada para ninguém. O que recomendo é que você procure o médico... Você que está com parente, amigo, um idoso com sintomas, procure um médico. Doutor, você ministra hidroxicloroquina ou não? Ministra Annita ou não? O médico vai falar alguma coisa. Ele pode falar 'vai para casa e deite'. Aí você decide e procura outro médico se quiser". Primeira declaração em que Bolsonaro diz não recomendar o uso de medicamento sem comprovação cientifica, porém

aparece com os medicamentos como forma de propaganda durante *live* no Facebook e YouTube.

(61) 16 de julho de 2020: “Não estou estimulando, mas estou orientando procurar um médico e ver o que ele acha [sobre a hidroxicloroquina]. Não tem outra alternativa". Novamente o Presidente volta a dizer que não indica o uso do medicamento, se contradizendo. Ainda durante live.

(62) 23 de julho de 2020: "Mais cedo ou mais tarde vai se chegar numa conclusão [sobre a eficácia da hidroxicloroquina]. Mas quem quiser prescrever, prescreve. É uma decisão do médico e do paciente”. Bolsonaro, segundo Aos Fatos.

(63) 30 de julho de 2020: "Pessoal, se fala muito da vacina da Covid-19. Nós entramos naquele consórcio lá de Oxford. Pelo que tudo indica, vai dar certo e 100 milhões de unidades chegarão para nós. Não é daquele outro país não, tá ok, pessoal? É da Oxford aí". Um dos primeiros momentos em que Bolsonaro fala sobre uma possível vacina, durante *live* nas redes sociais.

(64) 09 de agosto de 2020: "De forma covarde e desrespeitosa aos 100.000 brasileiros mortos, essa TV festejou essa data no dia de ontem, como uma verdadeira final da Copa do Mundo, culpando o Presidente da República por todos os óbitos". Novo ataque contra a imprensa, dessa vez através do Twitter.

(65) 09 de agosto de 2020: “No mais, essa mesma rede de TV desdenhou, debochou e desestimulou o uso da Hidroxicloroquina que, mesmo não tendo ainda comprovação científica, salvou a minha vida e, como relatos, a de milhares de brasileiros”. Presidente volta a falar sobre uso precoce de medicamentos através do Twitter.

(66) 13 de agosto de 2020: “Eu sou a prova viva de que deu certo. Muitos médicos defendem esse tratamento e sabemos que mais de 100 mil pessoas morreram no Brasil que, caso tivesse sido tratado lá atrás, com esse medicamento poderiam essas vidas [sic] ter sido evitadas. E mais ainda, aqueles que criticaram a hidroxicloroquina não apresentaram alternativa”. Bolsonaro durante evento do Projeto Belém Porto Futuro, no Pará.

(67) 13 de agosto de 2020: "Chegou na minha tela aqui, o presidente da Anvisa, o almirante Barra, acabou de confirmar a informação sobre a hidroxicloroquina e a ivermectina, você já pode comprar com uma receita simples caso seu médico recomenda, obviamente”. Novas indicações a favor do uso dos medicamentos sem comprovação contra a doença. Ainda durante evento no Pará.

(68) 20 de agosto de 2020: "Tem algum médico aí? A eficácia dessa máscara é quase nula". Presidente em frente ao Alvorada, para apoiadores. Primeiras indicações sobre a não concordância com relação ao uso de máscara pela população em geral.

(69) 24 de agosto de 2020: "Aquela história de atleta né, que o pessoal da imprensa vai para o deboche, mas quando pega num bundão de vocês a chance de sobreviver é bem menor. Só sabe fazer maldade, usar a caneta com maldade em grande parte". Bolsonaro volta a atacar a imprensa, dessa vez de forma individual, em frente ao Alvorada.

(70) 27 de agosto de 2020: “Durante a pandemia estive no meio do povo. Sem problema nenhum da minha parte. E quem decide minha vida sou eu. Ninguém tem que dá palpita na minha vida”. Bolsonaro durante *live* no Youtube.

(71) 8 de setembro de 2020: “A gente não pode injetar qualquer coisa nas pessoas e muito menos obrigar. Eu falei, inclusive, que ninguém vai ser obrigado a tomar vacina, e o mundo caiu na minha cabeça. A vacina é uma coisa que, no meu entender, você faz a campanha e busca uma solução. Você não pode amarrar o cara e dar a vacina nele. Eu acho que não pode ser assim”. Declaração do Presidente durante uma reunião com médicos defensores da hidroxicloroquina. Indicações sobre a não confiabilidade de uma vacina.

(72) 10 de novembro de 2020: “Tem que deixar de ser um país de maricas”. Uma das falas preconceituosas de Bolsonaro que ganhou os holofotes das mídias pelo mundo, foi dita em uma cerimônia no Planalto.

(73) 10 de novembro: “Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para a

imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás”. O Presidente, ainda durante a cerimônia, reforça o preconceito e ataca novamente a imprensa.

(74) 24 de novembro de 2020: “Pergunta pro vírus”. Assim respondeu Bolsonaro, com um sorriso no rosto, ao ser questionado, em frente ao Palácio da Alvorada, sobre a possibilidade de estender o auxílio emergencial.

(75) 26 de novembro de 2020: “Falei lá atrás que, no meu caso, pelo meu passado de atleta, eu não generalizei, se pegasse a covid, não sentiria quase nada. Foi o que eu falei. Então, o pessoal da mídia, a grande mídia, falando que eu chamei de 'gripezinha' a questão da covid. Não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma”. Bolsonaro durante *live* em seu canal no Youtube, claramente contradizendo suas falas anteriores.

(76) 26 de novembro de 2020: “Da máscara eu não vou falar muito porque terá um estudo sério falando da efetividade, se ela protege 100%, 90%, 80%. Falta apenas o último tabu a cair". Presidente durante *live*.

Figura 3 - Bolsonaro tem dificuldade para colocar máscara

Fonte: REUTERS/Adriano Machado

(77) 10 de dezembro de 2020: “O tratamento precoce é o ideal. Sentiu sintoma, vai no médico. Vem alguns dizerem que [a hidroxicloroquina] não tem comprovação. Eu sei, mané”. Presidente, durante *live*, apoia mais uma vez o tratamento precoce sem comprovação cientifica.

(78) 10 de dezembro de 2020: "Precisa ser muito inteligente para começar a entender que, com mais gente acontecendo a mesma coisa, a hidroxicloroquina servia para malária e também pra covid? Mais estudos, que ainda não publicados em revista cientifica, apontam que têm dado certo”. Ainda durante *live*.

(79) 10 de dezembro de 2020: “Não temos notícia dos nossos irmãos da África, abaixo do deserto do Saara, de grande quantidade de óbitos por Covid e todos esperavam justamente o contrário. A pessoa com alguma deficiência alimentar, pessoas mais pobres, fossem ser em boas e quantidade vitimadas. E não foi por quê? Eles tratam lá, muito, infelizmente, a malária”. Bolsonaro, em *live*, faz outro aceno para o uso precoce de medicamentos sem comprovação e cita o continente Africano como “comprovação” para o uso dos medicamentos.

(80) 15 de dezembro de 2020: "Eu, Jair Bolsonaro, não sou contra a vacina. Mas sou plenamente favorável a esse tratamento que nós temos no Brasil. Eu não posso falar como cidadão uma coisa e como presidente outra. Mas, como sempre, eu nunca fugi da verdade, eu te digo: eu não vou tomar vacina. E ponto final. Se alguém acha que a minha vida está em risco, o problema é meu. E ponto final”. Presidente Bolsonaro, durante visita ao Ceagesp, em São Paulo.

(81) 16 de dezembro de 2020: “Lá no meio dessa bula está escrito que a empresa não se responsabiliza por qualquer efeito colateral. Isso acende uma luz amarela. A gente começa a perguntar para o povo: você vai tomar essa vacina?”. Bolsonaro, em entrevista à Band, volta a questionar a eficácia das vacinas.

Figura 4 - Presidente Bolsonaro ao lado de mascote símbolo de vacinas

Fonte: Poder 360/Sérgio Lima

(82) 17 de dezembro de 2020: “Se você virar um chi... virar um jacaré, é problema de você, pô. Não vou falar outro bicho, porque vão pensar que eu vou falar besteira aqui, né?”. Com mais de 184 mil mortes, o Presidente fala, durante evento em Porto Seguro, na Bahia, sobre os possíveis perigos de se tomar a vacina.

(83) 17 de dezembro de 2020: “Se você virar super homem, se nascer barba em alguma mulher aí ou algum homem começar a falar fino, eles não têm nada a ver com isso. Ou, o que é pior, mexer no sistema imunológico das pessoas”. Ainda durante o evento em Porto Seguro.

(84) 19 de dezembro de 2020: “A pandemia está chegando ao fim. Estamos com uma pequena ascensão agora, o que chama de um pequeno repique, pode acontecer”. Presidente Bolsonaro, durante entrevista publicada no Canal de seu filho, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), no YouTube.

(85) 23 de dezembro de 2020: “Eu tive a melhor vacina, foi o vírus. Sem efeito colateral”. Bolsonaro, ao conversar com apoiadores em São Francisco do Sul (SC).

(86) 23 de dezembro de 2020: “Eu não uso, mas tudo bem”. O Presidente responde desta forma quando um apoiador tenta o entregar uma máscara. Ainda durante conversa com apoiadores.

Figura 5 – Bolsonaro enfrenta dificuldade para pôr máscara

Fonte: REUTERS/Adriano Machado

(87) 31 de dezembro de 2020: "Não tem de ter medo da hidroxicloroquina. Ela não causa arritmia. Não faz mal a hidroxicloroquina. Comigo deu certo. Não fique no lero-lero. Eu tomei imediatamente a hidroxicloroquina. O tratamento precoce é a solução e a chave dessa questão”. No último dia do ano, durante *live*, Bolsonaro volta a defender o tratamento precoce sem comprovação cientifica.

(88) 04 de janeiro de 2021: "Sabia que o tio estava na praia nadando de máscara? Tava nadando de máscara? Mergulhei de máscara também, para não pegar covid nos peixinhos”. Bolsonaro satiriza, junto a apoiadores, em frente ao Alvorada, o contágio do vírus.

(89) 18 de março de 2021: “E agora, segundo o Datafolha — quem acredita em pesquisa no Brasil é desmiolado, né? Fala que ele [Lula] tá com 30% de intenção de votos”. Presidente Bolsonaro a apoiadores em Brasília.

Figura 6 - Isolado por contaminação, Jair “oferece” cloroquina à ema

Fonte: REUTERS/Adriano Machado

(90) 20 de maio de 2021: “O próprio PT, no governo Lula e Dilma, foram [sic] recordistas em invasão de terra”. Presidente Bolsonaro em sua *live* semana no YouTube.

(91) 15 de junho de 2021: “Por que que eles [imprensa] não falam que o Lula falou o seguinte: ‘ainda bem que a natureza criou o vírus!’. Não tocam no assunto”. Bolsonaro, segundo agência Aos Fatos.

(92) 07 de setembro de 2021: “Ou o Chefe desse Poder enquadra o seu [sic] ou esse Poder pode sofrer aquilo que nós não queremos”. Bolsonaro em discurso aos apoiadores, na Praça dos Três Poderes em Brasília, em tom de ameaça para com o STF (Supremo Tribunal Federal) e ao Congresso Nacional.

3. ANÁLISE DO DISCURSO BOLSONARISTA

3.1 “NÃO FUI EU”

Segundo Orlandi (ibid), como já mencionado anteriormente nesta pesquisa, o sentido de uma fala, ou para a Análise de Discurso, o sentido de um intradiscurso, não é determinado por si só, ou seja, não é definido apenas por aquilo que se diz em determinado momento, mas sim por todo o conjunto que permeia o ambiente em que o intradiscurso (fala) é produzido.

> Consequentemente, podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem.
> A noção de formação discursiva, ainda que polêmica, é básica na Análise de Discurso, pois permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso (ORLANDI, ibid, p. 40).

O conceito explicado acima é importante para a compreensão deste sub capítulo, que tem por raiz a defesa feita pelo próprio Presidente sobre sua evidente contradição nas ocasiões dos dias 20 e 24 de março e 26 de novembro do ano de 2020 já citadas.

Ainda antes do início da pandemia no Brasil, no dia 30 de janeiro de 2020, em um vídeo[2] veiculado no site Youtube, o médico Dráuzio Varella – médico conhecido nacionalmente por suas diversas participações em programas de televisão na Rede Globo – diz que “de cada 100 pessoas que pegam o vírus, 80, 90 pessoas têm um **resfriadinho** de nada”.

Posteriormente, dia 23 de março de 2020, um dia antes do pronunciamento presidencial de Bolsonaro, o médico veicula novo vídeo[3] em que se posiciona de maneira diferente em relação à COVID-19, dizendo que “quem minimiza essa situação [a pandemia] falando ‘não, não é nada’; ‘isso vai passar logo’; é irresponsável, porque não vai ser assim”.

---

[2] Relembre: Drauzio Varella já chamou covid-19 de 'resfriadinho' https://www.youtube.com/watch?v=Fu51hbO9fSc

[3] Quem minimiza a situação do coronavírus é um irresponsável | Coronavírus #8 https://www.youtube.com/watch?v=R20MG63Ju3M

Então, dia 24 de março de 2020, acontece a fala número 33. Bolsonaro, em pronunciamento oficial em rede nacional, diz que “caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma **gripezinha** ou **resfriadinho**. Como bem disse aquele conhecido médico, daquela conhecida televisão”. Aqui o Presidente faz referência a Varella e à rede de televisão TV Globo. O intuito do Chefe do Executivo era o de creditar a Dráuzio a criação do termo **resfriadinho**, que já havia sido utilizado pelo médico dois meses antes.

Já durante a *live* do dia 26 de novembro, em que o Presidente Bolsonaro diz a fala de número 75, sustentando que não há um vídeo ou áudio seu chamando a COVID-19 de “gripezinha”. Bolsonaro tenta evitar ser responsabilizado por adjetivar a doença como um **resfriadinho**.

Contudo, para a Análise de Discurso, como citado no início deste capítulo, o intradiscurso, ou seja, a fala por si só, não estabelece o real significado do que se está dizendo. É preciso levar em consideração todo o contexto em que o sujeito está inserido ao dizer o que diz para se entender o real sentido que este pretende produzir ao falar.

Por mais que o Presidente, em diversas ocasiões, possa **desdizer** o que já disse, parecer voltar atrás em uma determinada fala, o discurso por trás da fala em questão permanece o mesmo, pois a formação discursiva em que Bolsonaro está inserido faz com que o discurso (as repetições produzidas por seus intradiscursos) representa o discurso de determinada formação discursiva, pois aquilo que ele diz se inscreve em uma FD[4] e não em outra (ORLANDI, ibid).

As duas falas apresentadas anteriormente, se referindo à COVID-19 como **resfriadinho**, a de Dráuzio e a de Bolsonaro, embora possuem grafia e a pronúncia, além da situação de produção semelhantes, para a Análise de Discurso, porém, produzem sentidos totalmente diferentes por conta das diferentes formações discursivas.

Em ambos os casos, tanto do médico quanto do presidente, as falas foram produzidas diante de uma câmera, para serem veiculadas na TV e na internet, para milhões de pessoas verem e ouvirem o que era dito sobre o mesmo tema. Entretanto, é necessário entender que os sujeitos que produzem o intradiscurso ocupam lugares totalmente distintos e visaram criar sentidos tão distintos quanto.

---

[4] Formação Discursiva

No caso do médico, a produção de sentido naquele momento visava criar um ambiente de calma e controle, não alardeando algo que, em sua visão de momento, ainda estava longe de se concretizar, a saber, as centenas de milhares de morte provocadas pela COVID-19. Ao qualificar a doença como **resfriadinho**, Dráuzio, segundo a AD, buscava, de acordo com sua ideologia e seu lugar de médico ao produzir o intradiscurso, visava criar um efeito cientifico de aguardo com relação às consequências que poderiam surgir no Brasil, que àquela altura assistia o vírus se alastrar pela China e Europa.

Já Bolsonaro, ao utilizar o termo **resfriadinho**, em 20 de março de 2020, 3 dias antes de Dráuzio gravar o vídeo mudando sua postura perante a COVID, visava produzir um efeito, de acordo também com sua ideologia e seu lugar de fala, enviesado pela formação discursiva que está inserido, de contrariar, já naquele momento, estudos e pesquisas cientificas sobre as consequências da COVID-19.

O discurso que Bolsonaro sustentou, negacionista, durante todo o período de pandemia, ao contrário de Dráuzio, é provado de acordo com falas como a de número 73, que demonstram a repetição do pensamento do Presidente a respeito da covid. É através da repetição que se constrói uma formação discursiva. A FD negacionista, a que Bolsonaro se encontra, vem à tona sempre que, por exemplo, o Presidente adjetiva a doença como **gripezinha** ou que vai contra a orientação científica de uso de máscaras, por exemplo.

A AD enxerga o intradiscurso produzido por Bolsonaro dentro da formação discursiva que ele se encontra. Como diz Orlandi, “podemos dizer que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas” (Ibid, p. 40).

O Presidente diz que jamais tratou a doença como “gripezinha”, quando há provas irrefutáveis que ele se refere à doença desta maneira. Bolsonaro argumenta que estava apenas se referindo à fala do médico, mas sua ideologia, o contexto social, a memória criada por suas diversas falas apontam para a formação discursiva em que ele se encontra.

Os dizeres do Presidente, mesmo quando se alteram, mantém o sentido, mantém a viva a memória do já dito anteriormente. Aqui se encaixa o processo pertencente ao campo da AD denominado paráfrase. “A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. [...] A paráfrase está do lado da estabilização.” (ORLANDI, ibid, p. 34). Quando Bolsonaro diz algo diferente do já dito,

como nas falas de número 47, 60 e 61, embora sejam diferentes, caso entendidas isoladas, o discurso mantém-se o mesmo porque fazem parte da mesma FD.

Também é comum ver, em suas declarações, que Bolsonaro sempre volta ao mesmo ponto de menosprezar a COVID-19 e suas consequências. Por exemplo, em suas falas 47 e 48, em momentos quase simultâneos, ele diz que lamenta a situação que o país atravessa e em seguida rechaça de forma sarcástica uma pergunta sobre as atitudes que tomará frente ao número de mortes no Brasil, dizendo que “não faz milagres”.

Para a AD, Bolsonaro, inserido em uma determinada formação discursiva, pode até produzir um intradiscurso diferente do dito antes. Porém, isso apenas faz parte do processo parafrástico em que mesmo mudando o dizer, a memória se mantém, o discurso produzido é o mesmo, aumentando ainda mais a FD em que ele se encontra (ORLANDI, ibid).

3.2 AS IMAGENS DE BOLSONARO

Durante o mandato presidencial, Bolsonaro acaba por atrair para si muita mídia do tipo foto/imagem. Imagens estas que se espalham por todo o país e mundo, gerando grande repercussão e para Bolsonaro, barulho.

Na figura de número 1, o Presidente, após gritar com um jornalista presente na coletiva, gesticula de forma agressiva segurando um exemplar do jornal impresso Folha de S.Paulo. A fotografia gerou grande repercussão, pois o Presidente tentava responder sobre sua possível interferência na Policia Federal do Rio de Janeiro. Com a pergunta sobre tal interferência realizada pelo repórter, Bolsonaro atacou a imprensa, sem dar resposta satisfatória para a questão.

Já na figura número 2, uma captura de tela retirada de uns dos vídeos do canal oficial do Presidente, Bolsonaro exalta, levanta e faz propagada da Cloroquina, remédio sem comprovação científica contra a COVID-19, de forma a levar o publico presente de apoiadores a aplaudir o medicamento.

Nas figuras 3 e 5, o Presidente, durante uma coletiva de imprensa, enfrenta grande dificuldade para colocar de maneira corretamente a máscara, a fim de poder utilizar os microfones. Tal dificuldade enfrentada por Bolsonaro e as imagens

capturadas no momento correto, geraram muito barulho na internet, colocando mais uma vez o Presidente em foco nas mídias.

A figura de número 4, tem Bolsonaro, conhecidamente contra a vacina da COVID-19, posando ao lado do mascota símbolo de vacinação do Sistema Único de Saúde (SUS). Mesmo o Presidente declarando que não tomará a vacina, ele fez questão de, ao lado do mascote, ser fotografado para estar em evidência na mídia.

E por último, a imagem número 6 retrata a necessidade de Bolsonaro de estar no centro das atenções. Ao se isolar no Palácio da Alvorada, por conta da contaminação pelo novo coronavírus, o Presidente, em algum momento, decidiu que seria de bom proveito o oferecimento da cloroquina à uma ema. O animal não fez referência de querer contato com o Presidente, o que rendeu várias fotografias que circularam o mundo, gerando grande audiência para Bolsonaro. Uma das formas encontradas por ele de, naquele momento de isolamento, continuar em alta na grande mídia.

3.3 A MANUTENÇÃO E O EXCESSO

Através das falas enumeradas no capítulo anterior e dos dois principais enunciados que são base para o *corpus* desta pesquisa, o efeito discursivo perpetrado por Jair Bolsonaro, desde o fim da década de 90 até os mais recentes meses em que este ocupa o cargo de Presidente do Brasil, demonstra um sentido de manutenção, de perpetuação de ideias. Embora por vezes, como nos casos entre as falas 43, 47 e 61 o Presidente possa demonstrar uma alternância de intradiscurso, uma modulação em sua fala, o seu discurso, o seu último dizer, a ideologia que faz com que ele diga o que diz, permanece a mesma.

A manutenção do discurso passa também pela falta do que é dito, pelo não dito. É possível notar as semelhanças entre o pensamento de Bolsonaro nas falas de números 01, 03, 04, 05, 08 e 91, ao referenciar de diversas maneiras e com um intervalo de mais de 10 anos, seu apoio a um Estado autoritário e ditatorial. Ao, por exemplo, não dizer explicitamente que não daria um golpe, em frente a seus apoiadores no dia 7 de setembro de 2021, Bolsonaro, segundo a AD está evidenciando seu discurso sobre a possibilidade de interferir de maneira direta e determinativa sobre os outros dois Poderes da esfera democrática brasileira.

Uma outra maneira que Bolsonaro utiliza para se beneficiar do excesso de informação e a velocidade com que ela se espalha pode ser encontrada nos dizeres sobre vacina, máscara e medicamentos sem comprovação cientifica contra a COVID-19.

Na análise discursiva existe a chamada Paráfrase. “Representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A Paráfrase está do lado da estabilização.” (Orlandi, ibid, p. 36). Aquilo que se mantém no dizer é chamado de memória. Bolsonaro, por mais que possa dizer algo diferente, como nas falas 56, 57 e 58, em que o Presidente toma partido de medicamentos como a hidroxicloroquina contra o novo coronavírus, e depois, na fala 60, diz que não está estimulando outros a tomarem o medicamento, seu discurso sobre o uso continua, se mantém mesmo sem comprovação da ciência. Na fala 61, sete dias depois de dizer que não estava estimulando o consumo do remédio, ele diz que “quem quiser prescrever, prescreve”.

Outros momentos em que o discurso se mantém mesmo com a fala se modificando pode ser encontrado nas falas 46, 47, 48, 52, quando de maneiras diferentes Bolsonaro diz lamentar os mortos em decorrência do vírus. Contudo, em contra partida, na fala 49 diz que está comentando um crime, pois fará um churrasco contando entre 800 e 1300 pessoas, como o próprio Presidente diz, em um momento que o Brasil chegava à marca de 10 mil mortes, as quais, menos de 10 dias antes o Presidente dissera lamentar, na fala 48, de forma quase irônica.

Bolsonaro cria um constante **barulho**, frases polêmicas, contraditórias, por muitas vezes preconceituosas, além de atitudes controvérsias, para que de alguma forma o foco principal, seja da mídia ou dos eleitores, seja retirado da gestão governamental, para esses momentos de excesso de dizeres.

Nas falas de número 16, 19, 26, 43, 46, 50, 51, 53, 67, 69, 71, 73, 81, 87, 90, entre outros momentos e imagens emblemáticas, Bolsonaro busca, o que em outro momento futuro pode ser explorado se de forma premeditada e proposital, criar espaços de tempo, momentos em que sua voz possa repercutir nos mais variados meios e das mais variadas formas, a fim de distanciá-lo de outros momentos polêmicos passados.

Desde a data mais antiga registrada nesta pesquisa, no ano de 1999, Bolsonaro defende e explana pensamentos preconceituosos, que por vezes ele usa para realizar

barulho e cativar aos que pensem como ele, porém, não possuem a **coragem** de verbalizar.

Por exemplo, a respeito de tortura, etnia, orientação sexual e sexo: nas falas 01, 04, 05, 06, 07, 08 e 09 quando ainda deputado, ele reforçou diversos destes ideais indefensáveis, que novamente viriam à tona quando sua campanha e seu mandato presidencial se aproximassem nas frases: 08, que voltaria a se repetir em 2016, já em pré-campanha para ser um presidenciável.

Nas frases de número 12, 13 e 14, Bolsonaro trabalha de maneira a se portar com o mínimo respeito àqueles que enquadram no grupo de minoria homossexual. Além de mais pra frente, em 2017, dizer que “as minorias têm que se curvar para as maiorias”, durante encontro na Paraíba. Com respeito à tortura, na Câmara, enquanto realizava seu voto a favor do *impeachment* da então Presidente Dilma Rousseff (PT), Bolsonaro voltou a curvar ante a tortura, homenageando o Coronel Brilhante Ustra, “o terror da Dilma Rousseff”, como gritou enquanto votava.

3.4 BOLSONARO BENEFICIADO

O filósofo Louis Althusser (2000), citado por Martino (2009), diz que a revolução não acontece devido ao “Aparelho Ideológico do Estado para manter os trabalhadores quietos”. A **revolução**, aqui, seria o acontecimento em que parte da população, a que não enxerga as contradições do Presidente, começa a entender o método usado por Bolsonaro para chegar – e manter – a posição que hoje ocupa, não somente de Presidente, mas de símbolo.

A mudança não acontece pois o aparelhamento ideológico – “a ideia de aparelho indica um complexo organizado em uma forma específica” (MARTINO, ibid, p. 78) – criado pelos meios de comunicação utilizados pelos apoiadores de Bolsonaro e por ele próprio e seu governo, além de igrejas as quais se socializaram com este governo fazem a manutenção do **movimento bolsonarismo**.

Interessante ressaltar que Althusser divide o conceito de **aparelho** em dois: um, já citado, o Aparelho Ideológico Do Estado, que se manifesta no sistema religioso, educacional, político, jurídico, comunicacional e cultural; e o segundo, o Aparelho Repressivo do Estado, que se constitui na polícia, exército, tribunais e prisões (ALTHUSSER, 2000, apud MARTINO, ibid). No entanto, Bolsonaro consegue através do próprio aparelho ideológico ser repressivo.

O pensamento **bolsonarístico**[5], ideologicamente falando, consegue ser agressivo quando, por exemplo, uma professora fala aos seus alunos que vacina é bom. Em casa, o aluno conta aos pais, estes, apoiadores do Presidente, vão até a escola, de forma repressiva, e pedem a demissão da professora em questão. Sem a necessidade da atuação do Aparelho Repressivo (polícias ou exército), há uma agressão que acontece através do Ideológico (político, educacional, cultural).

É bom salientar que o bolsonarismo enquanto movimento de extrema direita não nasce com o fenômeno **Jair Bolsonaro 2018**, nem mesmo em seus anos desde 1999 até à campanha eleitoral, mas sim é um galho crescente – vivo, atuante e forte no Brasil –, que se ramificou da árvore da extrema-direita ultraconservadora brasileira. Este, segue promovendo e defendendo as posições sobre os valores que diz lutar por, no caso a família, a igreja, as instituições e o próprio Brasil utópico, irreal e preocupante que estes almejam.

Essa grande continuidade do pensamento **bolsonarístico** não é discurso de extremo direito, é um discurso peculiar, advindo da extrema-direita, que bebe no leito, direto da fonte do rio de sangue da ditadura militar brasileira, a mesma que Bolsonaro por vezes nega ter existido, é o resultado do barulho e de todo o excesso de informação e/ou desinformação provocado pelo Presidente durante seu governo e em seus mandatos passados como deputado.

Outra consequência que provém desse **tumulto sonoro** criado por Bolsonaro, que por vezes diz que não diz o que diz, fica evidente no crescente descrédito do jornalismo.

O Pastor Yago Martins, em seu livro **A Religião do bolsonarismo: um ensaio teológico** (2021), sintetiza de maneira objetiva o efeito que o Presidente cria em seus apoiadores com tanto barulho e acusações infundadas contra a imprensa e a respeito do uso de máscaras e vacinas, por exemplo.

> Se a notícia contra o governo vem de um grande jornal, aquele veículo de mídia é automaticamente digno de descrédito. Se a crítica vem de algum veículo governista, os comunicadores são logo tidos por traidores. Se toda acusação contra o presidente é um apoio indireto a um projeto de consolidação do comunismo no Brasil, Bolsonaro acaba por ser blindado de todos os lados (MARTINS, 2021).

[5] Neologismo criado pelo autor desta pesquisa.

O que Martins argumenta é que o descrédito promovido por Bolsonaro às mídias de renome no país, fomenta a continuidade do discurso **bolsonarístico**, o mesmo que o elevou à presidência.

O discurso negacionista, por exemplo, mantido por Bolsonaro leva seus apoiadores a questionarem e atacarem os meios de comunicação e as notícias que vão contra o que o Presidente proclama ser a verdade. Este **efeito manada** criado por Bolsonaro já leva seus apoiadores a não precisarem mais do Presidente para se mobilizar a respeito das pautas que julgam defender[6], agindo de forma organizada e desprendida da presença de Jair. Bolsonaro, por todo o dizer e desdizer, pode até mesmo mudar o tom e/ou moderar a fala, que ainda sim os movimentos de extrema-direita, o discurso já produzido e defendido por ele, permanecem sem prejuízos.

De outro lado, os contrários, sãos, tentam demonstrar fato a fato as mentiras ditas e reditas por Bolsonaro. Na citação acima Martins respondeu à sua própria pergunta:

> Como pode um leitor bolsonarista negar que exista qualquer mentira consciente de Bolsonaro, enquanto elas estão explícitas aos borbotões pelos mais variados comunicadores, registradas em livros recentes e ridicularizadas em memes por toda a internet? (MARTINS, ibid).

Bolsonaro, consegue essa façanha de escapar de suas próprias mentiras com outras falas tão inverídicas quanto as precedentes através do seu método de criação de barulho. As falas distorcidas, não correspondente à realidade fazem com que a imprensa e os eleitores se concentrem, atormentados, em seus dizeres ou em suas atitudes, ao passo que seu governo continua se articulando incessantemente para, por exemplo, cobrar propina sobre vacinas, como relata uma representante de uma das vendedoras que ofereceram a medicação contra a COVID-19 ao Brasil[7].

Esta é a confusão provocada pelos intradiscursos conflitantes de Jair Bolsonaro. Ele consegue realizar quase que simultaneamente, para não dizer em total sincronia, os processos de paráfrase onde sempre algo se mantém, – no caso o discurso, que pode ser a constante defesa de um governo ditatorial ou do uso de medicamentos sem comprovação – e do processo de polissemia, pelo qual o

---

[6] Extrema direita no Brasil já não precisa de Bolsonaro para se mobilizar, revela pesquisa: https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,extrema-direita-no-brasil-ja-nao-precisa-de-bolsonaro-para-se-mobilizar-revela-pesquisa,70003871541

[7] Exclusivo: Governo Bolsonaro pediu propina de US$ 1 por dose, diz vendedor de vacina: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/06/exclusivo-governo-bolsonaro-pediu-propina-de-us-1-por-dose-diz-vendedor-de-vacina.shtml

Presidente cria uma pseudorruptura do seu último dizer, como se fosse alterar o seu discurso, mas logo em seguida ele volta ao seu primeiro dizer, mantendo a paráfrase.

As frases polêmicas do deputado Jair Bolsonaro e as frases contraditórias do Presidente Jair Bolsonaro, por mais que estejam separadas por décadas, se mantém, continuam, prosseguem o mesmo caminho, e, quando encurralado por algo dito, seja recente ou mais longínquo, o Presidente desdiz de maneira a acreditar veementemente que ele próprio jamais tenha dito. O caso do **resfriadinho** coloca Bolsonaro em frente ao próprio Bolsonaro, criando uma tensão irremediável entre dizeres totalmente opostos, mas que quase se complementam dentro do discurso do bolsonarismo.

“Seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”. A fala vinda da boca de Bolsonaro, gravada e veiculada em rede nacional é quebrada pelo próprio Bolsonaro ao afirmar “não existe um vídeo ou um áudio meu falando dessa forma”. Entretanto, o discurso de menosprezo para com as consequências do vírus é mantido logo depois ao continuar defendendo, de forma imprecisa, que a simples prática de exercício físico cria o efeito protetivo contra o vírus, novamente sem comprovação da ciência. Novamente, o efeito de manutenção, o discurso, por mais idas e vindas que tenha, se mantém o mesmo.

Dado o apresentado durante o decorrer de toda esta pesquisa, nota-se uma relação direta entre as falas, atitudes, desconexões com a verdade e todo o processo de descontinuidade discursiva, que resulta em um **barulho** proposital criado pelo Presidente Bolsonaro, e todo o trabalho proveniente da mídia, de especialistas, jornalistas, entre outros, que buscam incessantemente trazer luz as declarações do Presidente, o que ordinariamente leva tempo, tempo este que Bolsonaro utiliza, em conjunto com o seu governo para pensar, planejar, elaborar e pôr em prática a próxima fala, ou ação, desestabilizadora, visando apagar o último atrito/erro praticado pelo governo ou pelo próprio Presidente, em um ciclo que permanece renovável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estabilização e continuidade no discurso de Jair Bolsonaro desde o início de sua vida pública como político nos anos 90 até ocupar a cadeira mais alta da democracia brasileira, demonstram o crescimento, ou ao menos a saída das sombras, do pensamento político da extrema direita. A forma como Bolsonaro se utilizou, desde seus primeiros anos na política, do próprio barulho criado por suas falas e atitudes para estar constantemente em evidência, foi imprescindível para que ele alcançasse a presidência da república.

Através da análise realizada nesta pesquisa, baseando-se nos conceitos de esquecimento por saturação, processos parafrásticos e polissêmicos, entre outros, foi possível detectar como o Presidente tira benefícios da constante (e aparente) mudança de suas falas. Mesmo quando estas parecem ser contraditórias, parte da população, devido ao grande volume de informações sobrepostas, acaba por ter uma parcela das informações já recebidas, apagadas de sua memória, como se elas não fossem absorvidas.

A importância da pesquisa encontra-se substancialmente na compreensão de como um político, no caso Bolsonaro, se utiliza de um método para estar constantemente em evidência, retirando o foco das ações e decisões de se governo e passando para suas falas contraditórias e atitudes contestáveis. E, mesmo diante de uma pandemia e milhares de mortes em seu país, consegue que parte significativa dos cidadãos se inscrevam em sua formação discursiva, por mais absurda e incoerente que seja. Usando de ataques constantes à imprensa e aos partidos de oposição, defesa de medicamentos sem comprovação cientifica, implantação de dúvidas sobre a eficácia de máscara e vacina, Bolsonaro buscou manter uma imagem de controle sobre uma situação caótica no Brasil, imagem que foi comprada por parte de seus eleitores.

Desta forma é possível afirmar que o Presidente utiliza este método, trabalhando com três diferentes mecanismos: a imprecisão, o volume e o próprio barulho.

De maneira eficaz, ele consegue através da imprecisão, dizer algo e no mesmo instante já não o dizer, usando dos processos parafrásticos é capaz de mudar o que acabou de dizer, porém, mantendo a ideia central, que é acolhida por seus apoiadores. Através do volume de informações e distorções criadas por ele, a população que o

segue acaba por acolher o equívoco de suas falas – parte do processo polissêmico – uma vez que as informações criadas pelo Presidente existem em demasia. E o próprio barulho, que é a constante presença da figura presidencial em evidência, é capaz de manter a mídia e a população debatendo sobre suas falas, como um embate entre leões, enquanto trabalha para, silenciosamente, atrás do barulho criado, tirar proveito de sua posição no governo.

Futuramente existe a possibilidade de prosseguimento desta pesquisa abordando outros aspectos, por exemplo, como a internet contribui para a disseminação da desinformação iniciada por Bolsonaro; outros casos políticos sobre a criação de distrações para a mídia e população enquanto o governo trabalha para seu próprio benefício; ou ainda se Bolsonaro, ao continuar utilizando deste método, tem chances reais de reeleição nas próximas eleições presidenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANO, Bruno. **Especialistas em epidemias apontam erros de Bolsonaro no uso de máscara em coletiva**. 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/epoca/brasil/especialistas-em-epidemias-apontam-erros-de-bolsonaro-no-uso-de-mascara-em-coletiva-24314199. Acesso em: 01 nov. 2021.

BBC News Brasil. As ameaças de Bolsonaro em discurso a manifestantes no 7 de Setembro. [S.l]: YouTube, 07 set. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uSL-cWPtvuY. Acesso em: 20 nov. 2021.

BBC News Brasil. Assista ao pronunciamento de Jair Bolsonaro sobre crise do coronavírus. [S.l]: YouTube, 25 mar. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zuBs0NVr-70. Acesso em: 10 out. 2021.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução a Análise do Discurso**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. 122 p.

CASADO, José. **A pandemia pelo olhar de Jair Bolsonaro**. 2021. Disponível em: https://veja.abril.com.br/blog/jose-casado/a-pandemia-pelo-olhar-de-jair-bolsonaro/. Acesso em: 10 out. 2021.

DELLA COLETTA, Ricardo. **Bolsonaro manda repórteres calarem a boca, ataca a Folha e nega interferência na PF**. 2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-manda-reporteres-calarem-a-boca-ataca-a-folha-e-nega-interferencia-na-pf.shtml. Acesso em: 25 out. 2021.

Estadão. Bolsonaro e o coronavírus: veja falas do presidente sobre a pandemia. [S.l]: YouTube, 02 mai. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T_kl-EMGkOw. Acesso em: 20 nov. 2021.

FATOS, Aos. **Em 1045 dias como presidente, Bolsonaro deu 4327 declarações falsas ou distorcidas**. 2021. Atualizado em 11 de novembro, 2021. Disponível em: https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/. Acesso em: 12 nov. 2021.

GODOY, Marcelo; S.PAULO, O Estado de. **Extrema direita no Brasil já não precisa de Bolsonaro para se mobilizar, revela pesquisa**. 2021. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca-e-diz-que-nao-interferiu-na-pf/. Acesso em: 25 out. 2021.

João Roberto Laque. Bolsonaro no Câmara Aberta. [S.l]: YouTube, 03 set. 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=21lQ84pnuwo. Acesso em: 10 out. 2021.

KOKAY, Érika. **Bolsonaro em 25 frases polêmicas.** 2018. Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-em-25-frases-pol%C3%AAmicas/a-46065201. Acesso em: 10 out. 2021.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**: ideias, conceitos e métodos. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. 292 p.

MARTINS, Yago. **A religião do bolsonarismo:** um ensaio teológico. Fortaleza: Episteme, 2021. 67 p. Disponível em: https://www.amazon.com.br/religi%C3%A3o-bolsonarismo-ensaio-teol%C3%B3gico-ebook/dp/B094RD5611. Acesso em: 10 nov. 2021.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 5 ed. Campinas: Pontes, 2005. 100 p.

Os Pingos nos Is. Íntegra da live de Jair Bolsonaro de 27/08/20. [S.l]: YouTube, 27 ago. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JL63TOM_WXk. Acesso em: 10 out. 2021.

Os Pingos nos Is. Íntegra da live de Jair Bolsonaro de 26/11/20. [S.l]: YouTube, 26 nov. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=S4JZj30QzIQ. Acesso em: 10 out. 2021.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 235 p.

PODER360. **"A pressa da vacina não se justifica", diz Jair Bolsonaro**. 2020. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/a-pressa-da-vacina-nao-se-justifica-diz-jair-bolsonaro/. Acesso em: 10 out. 2021.

ProgramaCQC. CQC 28/03/2011 - O Povo Quer Saber com Jair Bolsonaro. [S.l]: YouTube, 29 mar. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Z4CoY_82LAQ. Acesso em: 10 out. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2008. 68 p. Tradução de: Eni Orlandi.

REDAÇÃO; CONTEÚDO, Estadão. **Bolsonaro sobre covid-19: "Não vou sentir nada, fui atleta e levei facada"**. 2020. Disponível em: https://exame.com/brasil/bolsonaro-sobre-covid-19-nao-vou-sentir-nada-fui-atleta-e-levei-facada/. Acesso em: 05 out. 2021.

REDAÇÃO, Da. **Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica**. 2017. Disponível em: https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/. Acesso em: 09 out. 2021.

revistaISTOE. "Não estupro porque você não merece", diz Bolsonaro a Maria do Rosário. [S.l]: YouTube, 09 dez. 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc. Acesso em: 05 out. 2021.

REDAÇÃO (Brasil). **Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”.** 2017. Disponível em:

https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/. Acesso em: 30 out. 2021.

S.PAULO, Folha de. **Veja 11 frases polêmicas de Bolsonaro**. 2018. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/veja-11-frases-polemicas-de-bolsonaro.shtml. Acesso em: 10 out. 2021.

UOL. **Bolsonaro exibe caixa de cloroquina para emas no Palácio da Alvorada**. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/07/23/bolsonaro-exibe-caixa-de-cloroquina-para-emas-no-palacio-da-alvorada.htm. Acesso em: 05 out. 2021

UOL. Bolsonaro imita pessoa com falta de ar para criticar medidas de Mandetta quando era ministro. [S.l]: YouTube, 19 mar. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g4K_WlfUhuI. Acesso em: 20 nov. 2021.

UOL. Bolsonaro: "Se tomar vacina e virar jacaré não tenho nada a ver com isso". [S.l]: YouTube, 17 dez. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=lBCXkVOEH-8. Acesso em: 10 out. 2021.